

Valderez Englert

Sobre as coisas que ficaram

“ A língua tem indicado inequivocamente que a memória não é um instrumento para a exploração do passado; é antes, o meio. É o meio onde se deu a vivência, assim como o solo é o meio no qual antigas cidades estão soterradas. Quem pretende se aproximar do próprio passado deve proceder como o homem que escava.(...)”

Walter Benjamin

Ela chegava sempre com uma ou duas sacolas em cada mão.

Eram panos, paninhos, linhas, crochês, toalhas de mesa, peças de roupa, cartões postais de outrora, fotografias antigas, caixas, caixinhas, malas, maletas, malinhas, botões, etiquetas e pedaços de coisas que já não sabiam mais ser.

Cada coisa que saía da sacola.

Cada coisa.

Cada coisa sem fim.

As coisas saem das sacolas. Pulam pra fora, se esparramam, ocupam todo o espaço ao nosso redor. É assim quando a encontro: acabamos sempre cercadas, quase ilhadas, por tantos artefatos, e fios e histórias.

Ela desfia detalhes, recompõe as cenas. Eu escuto, quero entrar no seu mundo, quase o posso ver. Já conheço os nomes e as pessoas sem nome. Cada um e cada tempo é lembrado pela barra de um vestido, uma peça de louça, uma boneca, uma bengala, uma festa, uma cúpula, um arbusto, a toalha que era posta na mesa, um canto discreto de jardim.

Desde o início algo me escapa quando a escuto. Há um lugar inacessível nessas narrativas. Penso que é porque há um mistério em curso nesse movimento. Deve haver.

É a força desse mistério que a convoca a catar, colher, resgatar, guardar e catalogar cada coisa que chega, cada coisa que fica, cada coisa que ela encontra, retém e desvia da rota do abandono. Por força do mistério ela trabalha incessantemente, trabalho que se intensificou especialmente no final da vida da mãe e no momento em que a casa da infância foi desmontada, como preparação para a venda.

O processo deu-se como um verdadeiro rito de passagem, uma travessia. É um trabalho de vida o que está em jogo aqui. Neste sentido, Valdez Engler é uma artista excêntrica. Não no sentido banal e raso dado ao termo pelo senso comum, de estranheza ou bizarrice, mas no sentido de que sua produção nunca partiu do centro, ou mirou o centro do campo social da arte institucionalizada. Ela busca referências, estuda, articula relações contextuais, busca a literatura, mas nunca tendo como alvo o discurso oficial da arte ou algum enquadramento estético, formal ou conceitual externo a esse circuito de pulsões e memórias pessoais.

O fato é que ela mergulha e circula em meio a esse acúmulo de fragmentos materiais do passado, esse quase excesso, com uma atitude singular. Onde se imaginaria a demarcação da impossibilidade, da perda, ela vem com uma obstinação alegre por nada perder, por nada deixar partir. Aqui não há apneia nostálgica ou asfixia pelo impossível retorno do tempo. Não, seus mergulhos são feitos com desenvoltura, são mergulhos de conversão do tempo passado em coisas e de coisas em corpos. Seus panos, toalhas, trouxas, estandartes, véus, sacos e outras coisas sem nome - que inventa com a liberdade de quem não precisa nomear - são corporificações da memória, testemunhos do esforço por nada esquecer, por resgatar do esquecimento as histórias que ficaram órfãs de seu próprio tempo. Não por acaso, Valdez não se interessa por encerrar seus objetos, não está em questão colocar um ponto final nos processos, decretar onde começa ou termina cada história ou invenção. Não, ela trabalha na recomposição do tempo dentro de outro tempo, recompõe a casa e lida contorna os buracos, restitui um corpo de sentido e um presente para todas as coisas que ficaram, para lançá-las, relançá-las, enlaçá-las em algum novo lugar.

Andar com ela por estes espaços da memória nos dá a chance de entender com o corpo, que a casa de cada coisa é um lugar sem fim.

Ana Flávia Baldisserotto
Mestre em artes visuais, coordenadora
do projeto Histórias Ambulantes.





Panos de família - Relicários

Eleonóra , minha mãe , foi criada e preparada para ser esposa, mãe, dona de casa. Gostava do que fazia: tortas, doces, costurava, bordava, decorava a casa, cuidava dos nossos temas de casa, acompanhava meu pai nas visitas e festas, zelava pela saúde de todos .

Costurou muito, bordou também. Suas mãos habilidosas, criavam à noite ou quando estávamos na escola. Vestidos de quinze anos, de debutantes, para festas, para cada noivado, bordava com o maior esmero. Com ela aprendi a bordar, decorar, enfeitar uma mesa, preparar um lanche rápido e gostoso. Guardou botões, retalhos, vestidos, crochês, rendas, enfeites, linhas, um mundo seu da costura e do bordado.

Resgatei dos guardados da casa de minha mãe, uma riqueza de material que merecia ser separado, catalogado, acondicionado numa embalagem que lhe permitisse ser visto e manuseado num todo novo, reescrito pelo toque de minhas emoções.

Num desejo de que nada se perdesse, juntei, separei, classifiquei. Fui sobrepondo tecidos, rebordando, aplicando retalhos, fitas, gregas, linhas, botões, bordados antigos, guardanapos de crochê. Surgiram panos, de vários tamanhos e largura. Muitos estão em processo de execução. Outros seguem enrolados no armário, de onde saem quando surge novo fato ou inspiração para a ele se agregar.

Não tenho intenção de acabá-los, quero que sigam com a família, agregando novos retalhos, linhas, bordados ... uma história que continuará pelas mãos de outros personagens.

Em cada gesto do bordar, surgem lembranças dos antigos guardanapos nas mesas, no encosto das poltronas, no apoio dos braços já danificados pelo tempo.



Vó Dolores, mãe de meu pai, vinha nas férias para nossa casa, ocupava-se consertando os croches rasgados numa tarefa sublime de reconstruir o já feito...



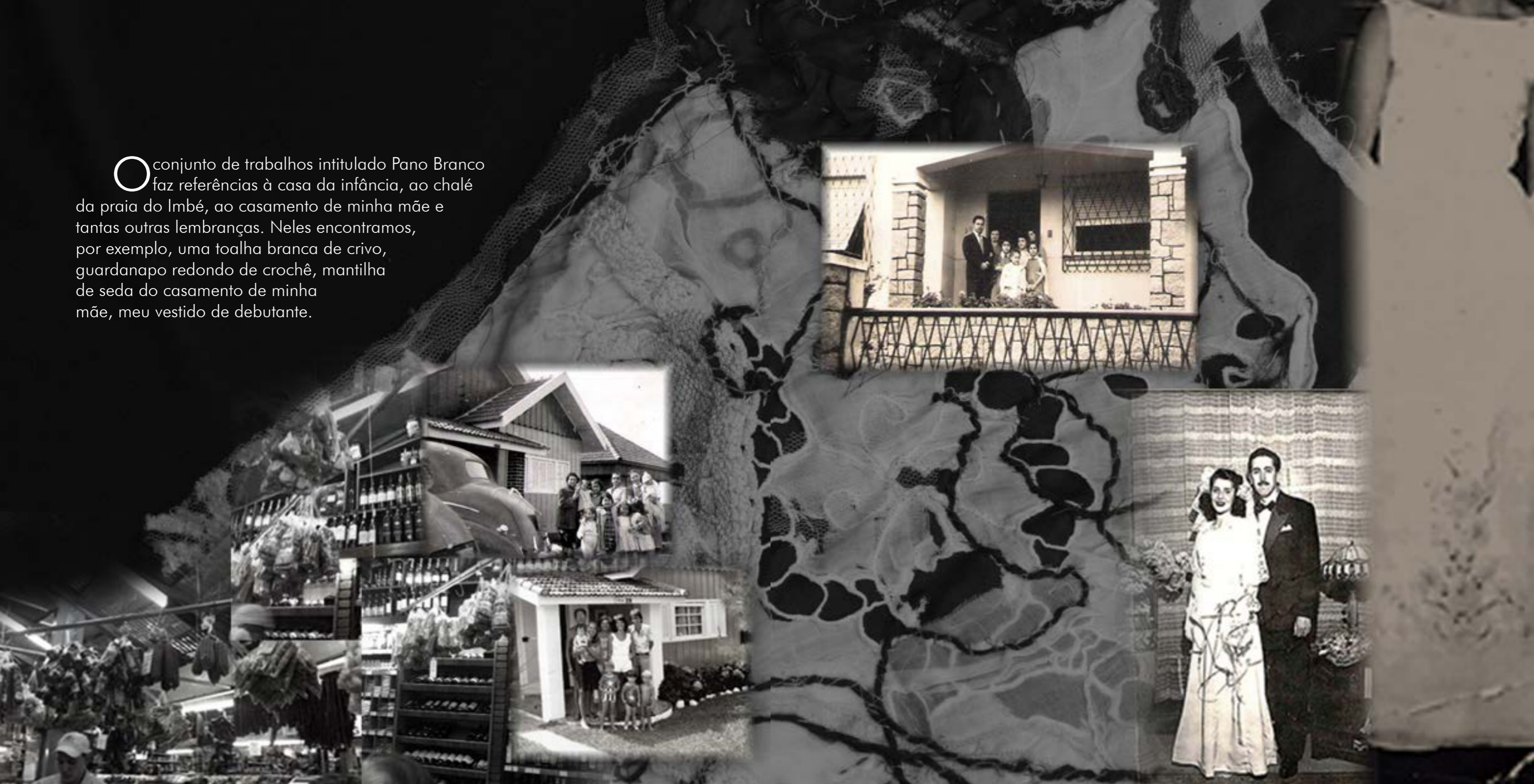
Nossa babá, contadora de estórias, descendente de escravo africano, Maria Antônia, "Comadre" como chamávamos carinhosamente, tinha a tarefa de engomar os guardanapos...



"Pano Branco"



O conjunto de trabalhos intitulado Pano Branco faz referências à casa da infância, ao chalé da praia do Imbé, ao casamento de minha mãe e tantas outras lembranças. Neles encontramos, por exemplo, uma toalha branca de crivo, guardanapo redondo de crochê, mantilha de seda do casamento de minha mãe, meu vestido de debutante.











notas
- medalhas
- fichas
- chaves
- peça de jogo
- 1 peça de madeira
- notas de 100 e 200
- peças de jogo
- peças de madeira
- peças de metal
- peças de plástico
- peças de vidro
- peças de cerâmica
- peças de tecido
- peças de papel
- peças de madeira
- peças de metal
- peças de plástico
- peças de vidro
- peças de cerâmica
- peças de tecido
- peças de papel

“Peças e jogos”



Botões, medalhas, santinhos, chaves, peças de jogos, fios, fitas, retalhos, rendas, etiquetas, fotos, postais, falam, evocam lembranças, pedem para continuar vivos.

Conversam entre si, tem afinidades, conheceram as mesmas pessoas, os mesmos cheiros, os mesmos gestos.

Usados, reusados, depositados, empoeirados, gastos, desbotados, mas não perderam seu sentido, são mais um para o crochê da vida tecido a cada noite.

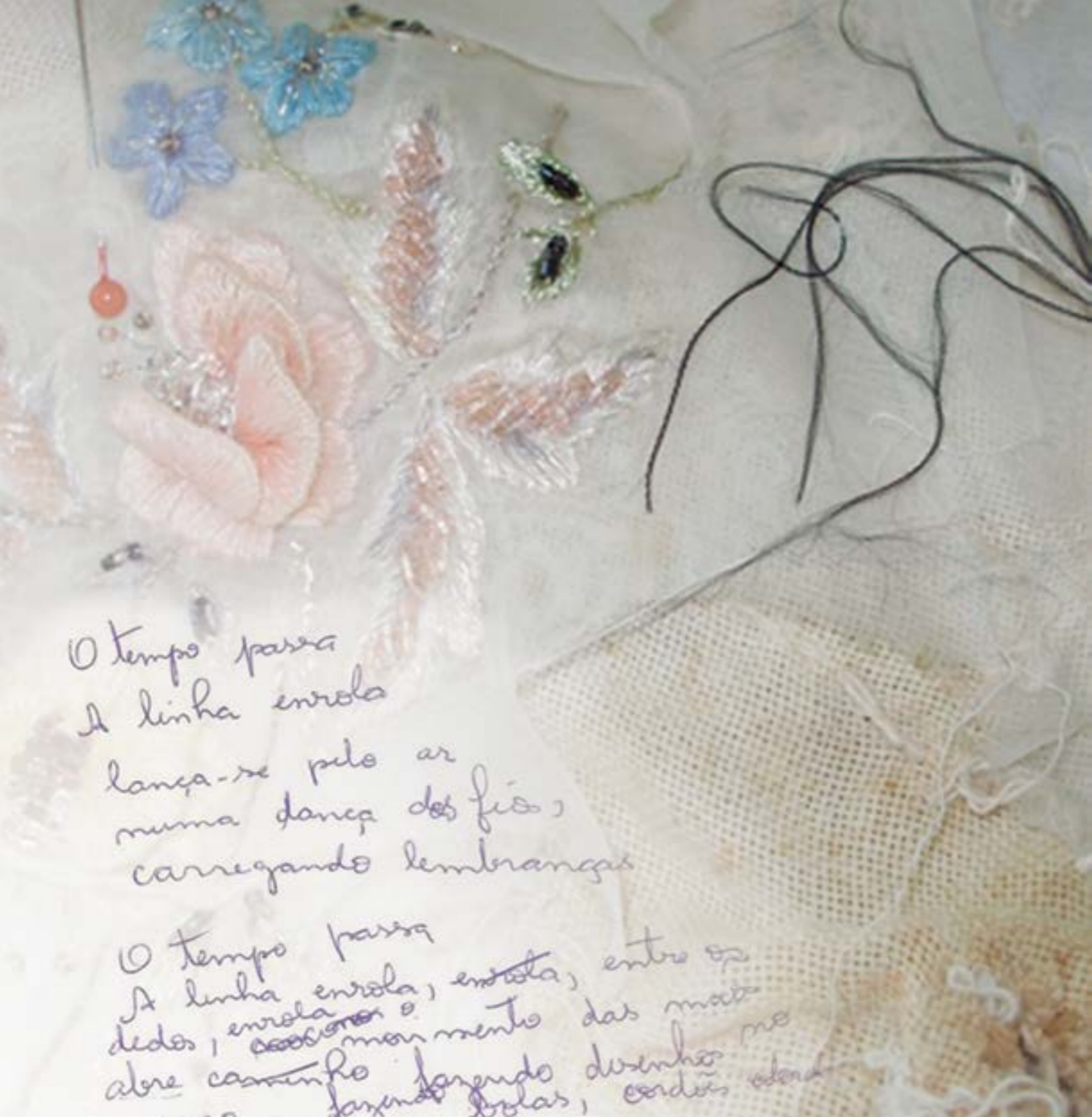




Malinha antiga com cortina do armário de minha mãe.








O tempo passa
A linha enrola
lança-se pelo ar
numa dança dos fios,
carregando lembranças

O tempo passa
A linha enrola, enrola, entre os
dedos, ~~enrola~~ enrola, enrola, entre os
abre caminho ^{momento} das mãos
fazendo desenhos, me
fazendo bolas, cordões, etc.

“Amarrados”



○ tempo passa, a linha enrola, lança-se pelo ar, numa dança dos fios carregando lembranças, fazendo desenhos no pano de vida, minha pele.



Quando éramos crianças, nas viagens para a praia, nossa mãe colocava as roupas de cama em um lençol de casal e fazia uma grande trouxa. Este hábito lhe acompanhou em outras situações como no modo de levar as roupas para a lavanderia ou quando preparava uma marmitta com comida caseira e amarrava com pequena toalha de mesa para mantê-la aquecida e não derramar.

Estes objetos, os *Amarrados*, remetem a estas memórias, ao ato de amarrar, de atar, de aconchegar, de acolher.

São feitos de retalhos, fitas, fios enrolados, bem condensados e amarrados com cordão até adquirir uma densidade firme. Sobre a superfície é confeccionada uma rede tipo crochê desalinhado, agregando pequenos objetos das gavetas e guardados de minha casa de infância.

Pertencem a uma série de objetos/memórias desenvolvidos nos últimos anos no processo de desocupação de minha casa de infância por ocasião da perda de minha mãe.











"Vestidos"

Delicados, feitos à mão, partindo de trouxinhas de fios, mínimos retalhos, entrelaçados, bordados e rebordados, remetem aos antigos vestidos de broderie, cambraia, piquet e organza.









“Histórias da casa”



“A primeira casa é aquela que está mais profundamente enraizada no inconsciente, onde as lembranças da infância encontram-se congeladas tornando-a sucessiva e lembrando-nos das casas, dos aposentos, aprendemos morar em nós mesmos”

BACHELARD, 2000, p. 20)



Valderez Englert
E-mail: valdenglert@gmail.com
www.facebook.com/venglert